

português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

_____. *Tratado Teológico – Político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Tratado Político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 139p.



WALTER BENJAMIN: A PREDOMINÂNCIA DA FORMA MERCADORIA NO *EXPOSÉ* DE 1935.

MARIA THAÍS DA SILVA DA CRUZ*

Resumo

O objetivo desse trabalho é apresentar em que sentido Walter Benjamin observa a permanência do arcaico *no* presente nas configurações da modernidade no *Exposé de 1935*. Para tanto, abordaremos o seguimento do texto supramencionado elucidando a proposta benjaminiana de exposição dos fenômenos emergentes da metrópole moderna. A segunda metade do século 19, período afetado pela dinâmica do alto capitalismo, faz surgir várias modificações na cidade que procuram se distanciar do antiquado, do velho, do passado. É na análise desses eventos que Benjamin denuncia a permanência do que sempre existiu, a predominância da forma mercadoria como reguladora das relações sociais.

Palavras-chave

Novidade. Forma mercadoria. *Esposé*. Modernidade.

Abstrat

L'objectif de ce travail est de présenter dans ce Benjamin senti observe la permanence de l'archaïque sous le présent (cadeau)

* Graduada em licenciatura plena em filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Discente do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Membro do Grupo de estudos Benjaminianos – GEB

dans les configurations de la modernité dans l'Exposé de 1935. Pour tellement, nous nous approcherons de la suite du texte supramencionado l'élucidation de la proposition benjaminiana d'exposition du phénomène. La deuxième moitié du siècle 19, la période affectée pour la dynamique du haut capitalisme qui fait pour apparaître plusieurs modifications dans la ville, essayant à la distance du désuet, vieux, est devant dans l'analyse de ces événements que Benjamin dénonce la permanence que cela existait toujours par la prédominance des marchandises de forme (formulaire) comme réguladora des relations sociales.

Clé de mot

Nouveauté. forme de marchandise. Exposé. Modernité.



INTRODUÇÃO

Walter Benjamin (1892-1940) filósofo alemão do século 20 em seu exílio na França formula o projeto onde abordaria talvez uma das principais problemáticas por ele estudada, a saber, a interpenetração entre o Novo e o Antigo. Conhecido como *Exposé de 1935* esse projeto foi submetido ao Instituto de pesquisa social¹, dirigido por Adorno e Horkheimer, que manteve por muitos anos sua sede em Frankfurt. O filósofo aponta nessa proposta, a base para um trabalho mais amplo e não concluído denominado de Projeto das Passagens. Benjamin com o supramencionado projeto buscava conseguir auxílio financeiro para prosseguir com seu trabalho, no entanto, teve sua proposta recusada

¹ É um centro de pesquisa que congrega, entre outros, sociólogos, psicólogos e filósofos, que são costumeiramente chamados de integrantes da Escola de Frankfurt, o qual Benjamin fez parte. Esta instituição era formada por vários autores vinculados ao movimento intelectual conhecido como teoria crítica da sociedade que procuravam compreender os acontecimentos do século vinte como: a ascensão do nazismo, o fracasso dos movimentos revolucionários e a glória do sistema capitalista.

pelo instituto que solicitou que o autor reformulasse a proposta. Com a recusa do instituto e motivado pela falta de recursos para sobreviver o filósofo reformula outro *Exposé*². No entanto, nessa proposta dispensada pelo Instituto, Walter Benjamin sugere, através de uma apresentação topográfica ou imagética do século XIX, expor as relações sociais da época, a partir, das imagens oriundas da experiência social do alto capitalismo.

Benjamin, no projeto das Passagens, além de sua pretensão teórica, também inovaria na proposta de composição do livro. Nele o filósofo buscou utilizar o princípio da montagem, utilizando os fenômenos da experiência social do século anterior ao dele, ou seja, dos fenômenos recente oriundos da metrópole moderna que surgiram no século 19, como a arquitetura que traziam o vidro e o ferro, a fotografia, as primeiras exposições industriais, etc. Os vestígios desse passado recente reteriam e colocariam ao alcance imagens que testificam, para o filósofo, o domínio da forma mercadoria. É com essa compreensão que Benjamin assimila diversos eventos que não estão dispostos cronologicamente no tempo, mas que levam a uma compreensão da modernidade e que ao mesmo tempo sustentam sua concepção crítica de modernidade.

O filósofo nos anos de elaboração do Trabalho das passagens acumulou um número significativo de fragmentos e os organizou em arquivos temáticos cujo conteúdo está relacionado à experiência da época e conseqüentemente apreensão da modernidade, formando assim, um banco de dados para a pesquisa. Um dos fragmentos fala a respeito de método de trabalho do livro:

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventaria-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando

² Trata-se do Exposé de 1939 onde o filósofo insere novas categorias para a compreensão da modernidade como o *fetichismo da mercadoria*. Vide: BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 53.

-os. (BENJAMIN, N1a, 8) ³.

O porquê de uma abordagem não cronológica da história é uma questão de extrema importância para o pensamento do filósofo. O método filosófico de Walter Benjamin prima por uma compreensão da realidade não da perspectiva da totalidade dita e difundida, mas do particular, principalmente do particular que não foi citado, permitindo uma abordagem visual da história através de imagens. As ruínas do ocorrido, alvejadas por Benjamin, guardam a verdadeira configuração que denuncia o puro caráter vigente das relações sociais estabelecidas. Esse método benjaminiano que consiste no desvio, do universal, no sentido de apresentação/exposição dos fenômenos que fizeram parte da história e não foram acolhidos no universal, na ideia, é fundamental para a compreensão do materialismo no filósofo e por sua vez, a crítica à concepção de progresso desencadeada nas Teses sobre o conceito de história.

Embora, dos *Exposés* e no Trabalho das Passagens emergem várias problemáticas, o objetivo desse trabalho, no entanto é apresentar as configurações da modernidade destacadas pelo filósofo nos *Exposés* de 1935 para a partir delas esclarecer o sentido da permanência da forma mercadoria aparentes nos fenômenos do alto capitalismo no século 19, problema este centrado na interpenetração entre o arcaico e o novo, aparente em todos os segmentos das relações da metrópole emergente. Para tanto, apresentaremos os fenômenos destacados por Benjamin nos *Exposés de 1935* (ou Paris, a capital do século XIX) onde o autor apresenta seis seções cujos temas abordam temas vinculados experiência social de Paris no decorrer do século 19. Em seus títulos encontramos um personagem histórico e um fenômeno social, há elementos distintos em relação ao período, porém vinculados dentro da perspectiva Benjaminiana. Embora tais apresentações suscitem inúmeras questões, que fazem parte da crítica benjaminiana à modernidade, daremos destaque às modificações apresentadas pelo filósofo direcionada as massas e a promoção da própria mercadoria.

³BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 502.

Em *Fourier ou As passagens* o filósofo apresenta a utopia de Fourier ⁴ como parte do sonho do século XIX que surgiu muito cedo, onde o trabalho e a moradia estariam no mesmo nível de realização do indivíduo. Na utopia de Fourier trabalho e moradia compartilhavam o mesmo espaço.

Os fanlastérios, segundo o sonho de Fourier, eram espaços destinados à produção e distribuição de manufaturas onde os indivíduos também habitariam, a essas moradias que livrariam os indivíduos da exploração do trabalho, uma vez que, como moradia existiam para suprir as necessidades de todos cooperativamente, Benjamin aproxima o fenômeno do surgimento das passagens. No século 19, as passagens eram denominadas de moradas dos sonhos, abrigavam em suas vitrines mercadorias em exibição, eram um recanto de luxo e sofisticação convidativo à contemplação, assemelhando-se assim, a um templo onde reinam as mercadorias, tornando-se local de peregrinação do fetiche mercadoria, da exaltação da mercadoria, do desejo. Elas são apresentadas, por Benjamin, como uma figura-síntese do século XIX.

Assim, como nos fanlastérios as passagens ganham sentido de moradia uma vez que quando instalada no centro da metrópole despertam a curiosidade dos seus habitantes pela novidade do universo das mercadorias. Suas construções trazem um novo emprego ao ferro e ao vidro. A transparência do vidro ao mesmo tempo em que permitia a exposição da mercadoria limita o alcance das pessoas, o ferro além de dá sustentação as estruturas remonta a um passado clássico quando moldado no estilo de colunas gregas. O surgimento desses novos espaços mostra que a metrópole moderna trabalha sob um ritmo que impõe mudanças.

Em *Daguerre ou os Panoramas* Benjamin nos apresenta as mudanças que ocorreram no campo da arte. E meio a uma disputa entre arte e técnica os panoramas surgem como precursores da fotografia e inauguram uma nova forma de captação visual da cidade. A arte panorâmica buscava reproduzir de forma perfeita a paisagem natural por meio de artifícios técnicos e o uso da técnica nos apresenta um

⁴Foi um pensador francês, atualmente considerado um socialista utópico, idealizador dos fanlastérios.

fenômeno novo, mas ainda embrionário com Daguerre, a produção em massa para as massas. É importante lembramos que a fotografia não foi o primeiro objeto de reprodução técnica. As técnicas de reprodução⁵ existem a muito tempo, exemplo da xilogravura. O diferencial da técnica fotográfica é o seu potencial de incorporação com outros segmentos produzidos na sociedade moderna, como na imprensa; nos folhetos; nos cartazes, que já dependiam de seu potencial reprodutivo e inovador favorável a difusão em grande escala. A fotografia mostrou-se assim artisticamente superior a pintura, a razão técnica para tanto residia no longo tempo de exposição que exige a máxima concentração por parte do retratado⁶.

A fotografia também impulsionou a economia da sociedade através da venda de várias imagens no mercado incorporou-se também a outros fenômenos modernos como a moda, o aumento dos meios de transporte e a comunicação. Nela também se descobre o recurso da montagem usado para fins de agitação política. Tanto a fotografia como seu precursor, o daguerrotipo, tem como finalidade servir mercadologicamente a população da grande metrópole, ou melhor, as massas.

Em *Grandville ou as Exposições universais* Benjamin aborda do tema do fetichismo da mercadoria, segundo ele a “As exposições universais são lugares de peregrinação ao fetiche mercadoria”. Nelas eram apresentadas as mais novas criações industriais para o grande público e possíveis compradores consistindo assim em um grande espetáculo para a população. Nesses eventos atestava-se a inversão dos valores de uso pelo valor de troca do objeto; despertavam a vontade de consumo de mercadoria. Segundo Benjamin, Grandville em toda a sua exaltação da mercadoria atribui a ela o sentido de especialidade. Citação:

⁵ Sobre a reprodução técnica da arte Vide: BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, In. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

⁶ BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 42.

As exposições universais idealizam o valor de troca das mercadorias. Criam um quadro no qual seu valor de uso passa para o segundo plano. inaugurando uma fantasmagoria a que o homem se entrega para divertir-se. A indústria de entretenimento facilita isso elevando-o ao nível da mercadoria⁷. (BENJAMIN, 1935, p. 44).

Em *Luís Felipe ou o interior* Benjamin abordará o tema do espaço. Luís Felipe⁸ (1830-1848) foi o último rei da França ficou conhecido como “Rei burguês” durante seu governo ele “estimula a construção de ferrovias para melhorar seu capital em ações”. Com as mudanças nas ruas e a crescente industrialização da cidade, que coloca o indivíduo dentro de novo ritmo, o espaço urbano torna-se intensamente habitado, a partir disso, o homem da cidade passa a procurar no interior de sua residência elementos que distingam esse espaço do seu local de trabalho. Nesse espaço privado o indivíduo cria um mundo repleto de objetos distintos um do outro, mas, ao mesmo tempo significativos para habitar aquele espaço.

Para o homem privado, o espaço em que vive se opõe pela primeira vez ao local de trabalho. O primeiro constitui-se com o *intérieur*. O escritório é seu complemento. O homem privado, que no escritório presta contas à realidade, exige que o *intérieur* o sustente em suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais urgente quanto mesmos ele cogita estender suas reflexões relativas aos negócios em forma de reflexões sociais. Na configuração de seu mundo privado, reprime ambas. Disso originam-se as fantasmagorias do *intérieur*. Este representa para o homem privado o universo. Aí ele reúne o longínquo e o passado. Seu salão é o camarote no teatro do mundo⁹. (BENJAMIN, 1935, p.45).

O habitante do *intérieur* é semelhante ao colecionador, pois tira as coisas de sua função originária e o encerra em um novo ordenamento

⁷ BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 44.

⁸ Foi Rei da França, seureinado foi uma monarquia constitucional, mas ele era, sobretudo, favorável à tal burguesia numa época em que a França começava a4321 Q sua Revolução Industrial.

⁹ BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 45.

muito caro ao indivíduo que o monta. O colecionador é o verdadeiro habitante do *intérieur*. O colecionador organiza o espaço segundo uma ordem específica e livra objeto da função que lhe foi planejada no entanto, esse objeto permanece inscrito no objeto as marcas da sua posição dentro da experiência social o qual foi produzido, guardando nele as configurações do modo de produção dominante. O habitante de *intérieur* atribui o objeto a sua memória criando um valor afetivo deixando seus rastros nesse espaço. *Habitar significa deixar rastros*¹⁰. As mercadorias no alto capitalismo semelhantemente livram-se do valor de uso. Esse hábito do sujeito de colecionar para deixar o ambiente mais aconchegante possível consiste em um mecanismo em defesa da sua individualidade.

Um aspecto importante da arte de colecionar: o fato de que o objeto esteja separado de todas as funções originais de sua utilidade torna-o mais decisivo no ato de significar. O objeto torna-se então uma verdadeira enciclopédia de todas as ciências da época, da paisagem, da indústria, dos proprietários, de onde provém. (BENJAMIN, Primeiros esboços, K^o, 11).

O filósofo mostra alguns fenômenos que surgem na cidade para atender as demandas impostas pela própria forma mercadorias. Ela predomina e regula as relações na metrópole moderna. Arelada a qualidade de novidade a formamercadoria continua mostrando a sua supremacia ao ordena um corpo social para favorecer a sua difusão e principalmente a classe que lhe opera.

Em *Baudelaire ou as Ruas de Paris* Benjamin traz a conexão entre o poeta francês e sua cidade, pois este poeta coloca pela primeira vez a cidade como objeto de poesia lírica e o faz de forma brilhante lançando sobre a cidade um olhar alegórico. O trabalho de Baudelaire, para Benjamin é resultado de sua introspecção do poeta em suas observações da cidade, esse mesmo olhar também será desempenhado pelo *flâneur*. A cidade torna-se uma paisagem que convida o indivíduo a conhecer as novas ruas que foram construídas, as novas lojas de departamento, as novas construções, etc. As mudanças que ocorreram

10BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

na estrutura física da metrópole moderna incita esse observador, que ao vagar pela cidade tenta rememorar o que existia procurando o nexo perdido com a chegada do *novo*.

Para Benjamin nos poemas alegóricos de Baudelaire¹¹ encontram-se duas concepções de tempo opostas: Spleen e o Ideal. A primeira tem como característica a destrutibilidade de tudo que existe; semelhante ao ritmo ditado pela metrópole moderna com o apelo ao acolhimento da novidade; e a segunda, que procura reestabelecer à experiência, o ideal, impossível de ser retomada devido à ação rápida do spleen. A oposição inerente às alegorias que marcam o trabalho do poeta faz parte da captação da modernidade do próprio Benjamin.

Em *Haussmann ou as barricadas* o filósofo apresenta como as transformações urbanísticas de Paris tem uma função estratégica, ao mesmo tempo em que, favorecem a circulação e trocas de mercadorias, dificulta as insurreições e as barricadas. A partir das reformas da cidade que extinguiu as ruas estreitas e não retilíneas por quadrilátero delimitados por ruas largas e calçadas. Essa nova estrutura física da cidade na medida em que valoriza a exposição das mercadorias nas vitrines das lojas de departamento, também facilita o transporte e o abastecimento do estoque, viabilizados pelas novas ruas. A nova forma que a cidade vai tomando faz com que os preços dos aluguéis aumente e as pessoas tenham que sair do centro para o subúrbio da cidade, forma-se o “cinturão vermelho” operário, isso causa um estranhamento nos parisienses para com sua capital. Fica claro que uma das intenções de Haussmann é resguardar a cidade de uma guerra civil, dificultando os meios de construção de barricadas.

Engels trata dos problemas de tática nas lutas de barricadas. Haussmann pretende impedi-las de duas maneiras. A largura das ruas deve impossibilitar que sejam erguidas barricadas, e novas ruas devem estabelecer o caminho mais curto entre os quartéis e os bairros operários. Os contemporâneos batizam de embelezamento estratégico¹². (BENJAMIN, 1935).

11 Sobre o estudo de Benjamin sobre Baudelaire Vide: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

12BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa

Cada tópico desse apresentado traz a elementos que podem ser melhor aprofundados, mas o que nos interessa aqui é mostrar que Benjamin explorou as transformações do alto-capitalismo para denuncia a permanência do que sempre existiu. A modernidade é impulsionada pelo sentimento de se afastar de tudo que é antigo, é um período pautado pela criação de novidades, esse evento além de inverter o valor de uso pelo de troca esconde a real forma das relações sociais. Em um período onde a novidade é o ponto principal há ainda a permanência do quadro social. O desenvolvimento das forças produtivas não repara as imperfeições sociais; se infiltra, incorpora e modifica o que existe e coloca a disposição como mercadoria. A produção é destinada a massa. Transforma em ruína toda estrutura que existia antes não por deterioração da estrutura física, mas, pela concepção de novidade criada na modernidade capitalista. O avanço do século 19 com a expansão das forças produtivas possibilitou na emancipação da arte novas formas de construção a exemplo da arquitetura, fotografia e poesia, mas ao mesmo tempo às colocou a serviço do mercado.

No século XIX, esse desenvolvimento emancipou da arte as formas de construção, assim como no século XVI as ciências se libertaram da filosofia. O início é dado pela arquitetura enquanto obra de engenharia. Segue-se a fotografia enquanto reprodução da natureza. A criação imaginária prepara-se para prática ao colocar-se como arte gráfica a serviço da publicidade. No folhetim, a poesia submete-se à montagem. Todos esses produtos estão prestes a oferecer-se ao mercado como mercadorias¹³. (BENJAMIN, 1935).

Motivadas pelo exercício da atividade mercantil as transformações na estrutura física da cidade de Paris, sob um ar de desenvolvimento, supõe que aquela sociedade estaria na marcha do progresso, do avanço, onde se buscava distanciar-se ao máximo

Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 50.

13BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 52.

do antiquado ou passado. A vida urbana ganhava novo status na modernidade e Walter Benjamin se apodera dos signos desse período para apresentar a sua teoria crítica sobre a Modernidade.

Conclusão

Além de provocar uma mudança na imagem da cidade a modernidade traz uma força que vincula seus habitantes de um modo novo. O *Jugendstil* ou *modernstyle* surge de modo avassalador sob a cidade modificando a sua aparência, instalando-se em todos os espaços. Essas modificações na cidade fazem com que os seus habitantes tenham outra relação com ela, uma relação de moradia, as passagens sintetizam essa nova relação. Consideradas templos da mercadoria elas ganham destaque na teoria benjaminiana por conquistarem a atenção dos habitantes da cidade, por sua função de expositora onde as mercadorias se apresentam aos habitantes da cidade.

À forma do novo meio de produção, que no início ainda é dominada por aquela do antigo (Marx)¹⁴, (BENJAMIN, 1935, p.41) consiste no domínio da forma mercadoria nos novos meios de produção. A criação desse ambiente novo, ou melhor, desse *mundo em miniatura* surge para a promoção das mercadorias e só existe pelo poder que o alto capitalismo e conseqüentemente a sua classe tem sob as novas forças produtivas, limitando-as à forma do antigo modo de produção, impedindo o verdadeiro novo. É nessa percepção do domínio capitalista sob as coisas que Benjamin analisa os fenômenos sociais e observa que existe um ciclo repetitivo onde o velho, o antigo, o passado permanece no agora de modo atualizado. Assim, nessa experiência social prevalece o *mesmo*, no sentido de prevailecimento do dominante sobre os dominados.



14BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 41.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO. João Emiliano Fortaleza de, *Imagem onírica e imagem dialética em Walter Benjamin*. In. *Kalagatos* (UECE), Fortaleza, CE, v. I, n. 2, p. 45-72, 2004.
- BENJAMIN. Walter. *Passagens*. Traduções de Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão e organizado por WilliBolle e Olgária Matos. 1ª ed., 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- _____. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e historia da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- _____. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- _____. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Sobre o conceito de história*. In. Löwy, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. bras. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- FREUD, Sigmund. *Interpretação dos sonhos*. In. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GAGNEBIN. J. M. *Walter Benjamin: os cacos da história*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1994.
- _____. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo, Ed. 34, 2006.
- _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1997.
- _____. *Do Conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou Verdade e Beleza*. In: *Kriterion* vol.46 nº 112 Belo Horizonte Dec. 2005.

- HEGEL, G. W. F. *A razão na história*. Trad. bras. Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Moraes, 1990.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1977.
- MATOS. Olgária C. F., *A escola de Frankfurt: luzes do iluminismo*. São Paulo: Ed. Moderna, Col. Logos, 1993.
- ROUANET, S. P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

